

INSTITUTO	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL <i>GM (Nordeste)</i>	
Fonte	
Data	<i>24/4/2000</i> Pg. _____
Class.	<i>Baniwa</i> 14

INVESTNEWS.NET
CONTEÚDO ONLINE GAZETA MERCANTIL

Banco de Notícias

RG/Nordeste
Segunda-feira, 24-Abr-2000

Arte baniwa vira grife

24 de Abril de 2000 - A primeira grife indígena brasileira foi lançada na semana passada, em São Paulo, e é resultado de uma parceria entre a Organização Indígena da Bacia do Içana (OIBI) e Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro (FOIRN), no Amazonas, e o Instituto Socioambiental (ISA). Trata-se da '**ARTE BANIWA**', marca que resume 2 mil anos de cultura dos índios baniwas, do Alto Rio Negro, e que foi criada para preservar a tradição de um povo, caracterizada pelo artesanato. Juntamente com a grife foi lançado um livro de bolso contando a história da **ARTE BANIWA**, um vídeo e um ensaio fotográfico de Pedro Martinelli.

A meta dos baniwas é abastecer o mercado brasileiro e do exterior, a começar por São Paulo, com uma linha de cestaria de arumã, uma palmeira nativa da Amazônia. O artesanato se caracteriza pelo grafismo milenar. A primeira parceria comercial foi firmada no ano passado com a empresa paulista Tok&Stok, de móveis e objetos de decoração para consumidores de classe média, que está recebendo esta semana o terceiro carregamento de cestos baniwas.

A criação da marca fez o preço da cestaria saltar de R\$ 58,00 para R\$ 170,00 a dúzia, em um período de três meses. O pedido também aumentou de 30 para 92 dúzias. As peças são comercializadas pela Tok&Stok a um preço que varia de R\$ 25,00 a R\$ 45,00, dependendo do tamanho. Hoje, 51 artesãos de 16 comunidades indígenas do rio Içana, na divisa do Amazonas com a Colômbia, são responsáveis pelo abastecimento da empresa.

O secretário da FOIRN, Bonifácio José, diz que o mais importante nesta parceria foi fazer com que o jovem indígena retomasse a tradição e voltasse a valorizar sua cultura. Segundo ele, por muitos anos o **ARTE BANIWA** foi explorada de forma incorreta e estava perdendo sua qualidade milenar. 'Comercializada por um preço insignificante não havia mais interesse em se manter a qualidade. Além disso, os jovens estavam trocando o artesanato por outra fonte de renda nas cidades,' observa.

O projeto se iniciou com um trabalho de conscientização dos artesãos para que eles voltassem a valorizar a tradição da cestaria e retomassem a qualidade peculiar. No início do processo de produção, em 1998, apenas 16 se interessaram pelo projeto. Hoje são 51. A meta é aumentar a linha de produção envolvendo mais índios na confecção dos cestos e chegar a outros mercados, além de São Paulo.

O presidente da OIBI, André Fernandes, conta que desde 92 os baniwas tentam desenvolver um projeto de revalorização de seu artesanato. Os resultados começaram a surgir em 98 após a participação do Instituto Socioambiental (ISA) no desenvolvimento de alternativas econômicas junto às comunidades, que incluiu a capacitação das organizações indígenas. (Márcia Valéria de Manaus)